

O DIÁRIO DE LUTO, DE ROLAND BARTHES OU A ESTÉTICA DO FRAGMENTO

Rodrigo da Costa Araujo (UFF/FAFIMA)

rodrigoara@uol.com.br

Esta comunicação trata de uma leitura romanesca do diário de Roland Barthes [1915-1980]. No dia seguinte ao da morte da sua mãe, a 25 de outubro de 1977, Roland Barthes começa escrever um diário, que lançado, recentemente, recebeu o título de *Diário de Luto* [2009]. Trata-se de uma obra produzida um ano antes da morte do semiólogo, e publicada somente agora, trinta anos depois. Fragmentário e bordando arabescos em torno do vazio, esse diário é composto por notas dispersas e breves, onde a reflexão dominante é a obsessão pela figura desaparecida; a devoção e a dor; mas, também, a reflexão sobre a própria noção do gênero diário. Assim, a metodologia adotada, para esse viés semiológico, é o instrumental teórico utilizado pelo próprio Barthes-crítico, acrescido, evidentemente, de outras fontes teóricas. Ao final, a escritura do leitor crítico é que possibilitará a leitura do escritor experimental [Barthes], como também a tessitura dos fragmentos, da palavra como objeto sensual, do sujeito que desestabiliza a imagem de si próprio, da irradiação do romanesco.